

Como debelar a sarna dos coelhos

Onofre A. Penteado Junior

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029561

Como professor aposentado, da U.S.P., há cinco anos residindo na cidade de Campinas, estamos intimamente ligados à Associação de Proteção e Assistência ao Menor (Instituto D. Nery), situada no bairro do Taquaral, onde exercemos atualmente o cargo de conselheiro pedagógico e vice-presidente da instituição. Nessa qualidade, temos nos interessado pelos mais diversos problemas que ali surgem cotidianamente e somos o responsável direto pela incipiente criação de coelho, que nos proporciona distração e uma das mais interessantes experiências de nossa vida de estudioso. Tivemos que visitar coelheiras, colher informações, comprar livros especializados, acompanhar o que dizem revistas especializadas, suplementos agrônômicos e enfim realizar ao vivo a experiência em si mesma. Custamos acertar com o problema da alimentação, das moléstias intestinais, da limpeza das instalações, e de muitos outros que se encontram nos livros, onde nem sempre encontramos coisas práticas e relatadas minuciosamente. Neste trabalho ou neste relato que ora fazemos, vamos nos limitar unicamente ao sério problema da sarna, tido por todos como difícil de ser debelado. De fato, aqui mesmo em Campinas, sabemos de um criador que sacrificou setecentas cabeças infestadas, queimou sua coelheira e iniciou tudo de novo. Entretanto, temos notícia de que o mal reincidiu e que continua ainda a ser-lhe um problema.

Creemos, pois, ser útil ao público em geral e especialmente aos que se dedicam à criação de coelhos, relatarmos aqui, de modo prático e sistemático a nossa experiência e explicarmos como enfrentamos o problema de modo vitorioso, o que pode ser verificado in loco, por quem o desejar.

Para mais clareza dividiremos nosso assunto em quatro partes: etiologia da moléstia ou suas causas; os remédios usados; técnica da aplicação dos remédios; e os cuidados higiênicos preventivos.

A veterinária d. Margarida Marcondes Romeiro, da Secretaria da Agricultura, no seu folheto n.º 13, assim descreve a moléstia: "... doença comumente encontrada nas criações de coelho, cujo rápido contágio facilita em pouco tempo a propagação da moléstia entre todos os animais. A sarna auricular é uma moléstia parasitária ocasionada por dois parasitas, *Psoroptes communis* e *Chorioptes cuniculis*, os quais se localizam dentro do ouvido do coelho, na parte profunda da pele, chegando muitas vezes a provocar a morte do animal quando não tratado em tempo.

A primeira manifestação da sarna de orelha, começa pelo aparecimento, no interior de um dos ouvidos do coelho, de forte irritação, inflamação

e formação de uma secreção espessa, que em poucos dias se torna serosa e amarelada. Com a continuação da moléstia, esta serosidade se engrossa cada vez mais, havendo formação de crostas ou escamas escuras de cor amarelo pardo, aderentes à parte interna da orelha, chegando a tapar completamente o ouvido do animal".

Os animais assim atacados emagrecem, tornam-se tristes, pendem a cabeça para o lado atacado, e coçam a orelha com a pata, transmitindo-lhe a moléstia. Com o correr do tempo, coçam as patas com os dentes e a moléstia se transmite ao focinho, onde se formam crostas de mais de centímetro de altura. Como vamos, pois, o início se dá na orelha, que deve ser continuamente observada pelo criador atento. Já vimos criações em que o mal se propagou de tal modo, que, de longe os coelhos pareciam ter nos dedos e no focinho verdadeiros grãos de milho.

Fizemos o tratamento de nossos coelhos usando os seguintes remédios, segundo receita que nos forneceu gentilmente o conhecido analista de Campinas, nosso amigo Dr. Monteiro Salles, do Instituto Penido Burnier. Devemos dizer que exageramos um pouco a dosagem por ele estabelecida, mas a verdade é que houve eficiência e o resultado foi bom.

1 — Numa vasilha de boca larga, como seja uma lata vazia de aveia, coloca-se até a metade flor de enxofre e o restante se enche com qualquer óleo de cozinha. Mexe-se bem a mistura e se acrescenta uma colher de chá cheia de BHC. Põe-se na orelha afetada mais ou menos uma colher de café dessa mistura. Na prática usamos uma haste de madeira para mexer a mistura e com ela mesma untamos a parte interna do ouvido doente, procurando fazer com que o remédio penetre profundamente. Esse mesmo remédio se coloca sobre o focinho afetado de modo que a mistura penetre nas rachaduras que por acaso existam, e que se torne bem umedecido de óleo e enxofre. O óleo amolece a parte dura e as aplicações futuras encontrarão campo mais favorável de penetração.

2 — Para tratamento, dos pés afetados, usamos o seguinte: deitamos dentro de um litro comum duas colheres de sopa, bem cheias, de flor de enxofre, uma de DDT e uma garrafa de ODD. Os dois primeiros ingredientes sendo pó, é claro que se depositam constantemente no fundo, devendo sempre agitar-se o litro, durante o uso do remédio. Com um pedaço de pano grosso apanha-se o líquido na mão em forma de cula e esfrega-se na parte afetada dos pés. É necessário que se faça isso em cada unha dos pés, nos próprios pés e nas pernas se for necessário, confor-

me o estado do doente. Esta mistura não deve em hipótese alguma ser usada no tratamento do focinho e da orelha, pois sendo muito venenosa, poderá afetar até os canais semicirculares do ouvido, produzindo o desequilíbrio do animal, que chega a ficar com o pescoço torto e não poder parar em pé. Ao matar a praga, mata-se também o animal.

3 — A técnica do tratamento ou da aplicação do remédio é muito importante. Verificamos que o parasita tem um ciclo de reprodução cada dez dias. É necessário, portanto que cada oito dias sejam curados os coelhos. Faz-se isso em duas pessoas, uma segurando, sobre uma mesa, o animal e outra aplicando o remédio. Para cem coelhos, o tempo dedicado a isso é mais ou menos de três horas. Fizemos isso durante perto de dois meses, sem quebrar a continuidade. Observamos os animais, até que desapareçam completamente sinais de sarna. A medida que se verifica melhora, na orelha, pode-se espaçar mais o tratamento. Mas, o que é importante é persistir sistematicamente no trabalho cada oito dias.

4 — Quando se percebe que o mal está debelado, faz-se ainda uma espécie de rescaldo. Tomamos um latão de dez litros, com a metade de água (para cada cem coelhos), colocamos na água umas seis colheres de sopa, cheias de BHC, e cada oito dias seguinte à debelação, continuamos o tratamento dos pés, do seguinte modo: seguramos o coelho pelas patas e as mergulhamos, até os joelhos, nesse líquido, com o cuidado de não mergulhar o focinho, o que se consegue prendendo um pouco as orelhas juntamente com a pele do dorso com a mão esquerda. Como repasse, faz-se isso três vezes, de oito em oito dias, suprimindo-se os demais remédios. Se há reincidência no focinho ou na orelha, usar o que foi indicado anteriormente, isto é, o enxofre misturado com óleo.

Concomitantemente com o tratamento dos animais, é necessário a desinfecção das coelheiras, que se pode fazer com a mesma mistura indicada para o tratamento das patas, a qual se esfrega, com pano, no piso, nas partes laterais e nas portas, pelo menos até a altura de pouco mais de um palmo e meio. Esta desinfecção se deverá fazer por duas vezes, durante o tempo de tratamento. Pode-se também fazer à fogo, por meio de massarico.

Todos os criadores de coelho sabem que a principal coisa é a higiene, por isso, uma vez debelada completamente a sarna, devemos desinfetar as coelheiras, pelo menos duas vezes por ano, de modo que indicamos, além dos demais cuidados que se devem ter com a limpeza diária e a alimentação.